

Nota da Autora

Feliz Natal, carrasquinhas!

E que melhor forma de encerrar esse ano com uma cena extra do nosso Trisal.

Não canso de agradecer a vocês pelo apoio, por terem aceitado tanto eles, por terem gostado tanto.

Quem chegou agora, espero que fiquem... 2026 tá cheio de coisa incrível para vocês.

Infelizmente, vão descobrir porque me chamam de carrasca-mor, mas vai valer a pena!

E se você está aqui desde antes, obrigada por ficar ao meu lado esse ano, por todo apoio. E vamos para mais uma? Se preparem...

Feliz Natal para vocês, meus amores, que suas vidas sejam repletas de amor, como as de Dylan, Nathan e Becky.

E um Ano Novo excelente, com tudo que há de melhor no mundo.

Um grande beijo,

Maria

Becky

Eu estava triste e feliz ao mesmo tempo.

Não sabia como isso era possível, mas era o que eu sentia.

Mais um Natal sem poder ver minha vó, meu irmão e a esposa dele.

Dylan ofereceu dinheiro para mim e eu até aceitei, mas apareceu uma oportunidade de participar de algumas semanas acompanhando o jornalista esportivo do Boston Pulse, a sede-irmã do jornal em que eu trabalhava.

Ele estava na cidade para implementar a mesma dinâmica no BP, que iria inaugurar dia 1º de janeiro.

Não dava para deixar isso passar porque Charlie Kim era um jornalista incrível. Foi uma batalha conseguir que ele viesse trabalhar no nosso jornal, saindo do Boston O'Clock. Quase dei risadinhas quando ele disse que conhecia meu trabalho e adorava a pegada jovem e divertida que eu dava no tom das minhas matérias.

Ele também disse que ficou sabendo de tudo que aconteceu na faculdade e que estava feliz por eu estar bem.

Sempre me deixava mais tranquila perceber que ainda conseguia viver depois do que aconteceu. Que não precisava deixar de lado o meu sonho de trabalhar com jornalismo por conta da foto que vazou.

Meu stalker seguia na cadeia e Ethan e o senhor Davis me asseguravam que ele não iria escapar.

Porém, eu tentava não pensar nele. Não pensar no estrago que ele fez.

Eu tentava viver novamente ao máximo, como podia, sem ter medo. Não deixava afetar a minha vontade de noticiar, de aparecer na frente das câmeras, de postar fotos minhas, com meus namorados. Não o deixava dominar a minha vida.

Às vezes, é claro, eu tinha inseguranças, tinha dias em que tinha medo de novo, tinha dias em que pensava o pior dos cenários. Ainda bem que tinha Nathan e Dylan ao meu lado, além dos meus amigos. E, basicamente, de grande parte da comunidade de Creston me ajudou muito também.

Eu me senti acolhida lá, me sentia segura.

Era como se ele tivesse ultrapassado um limite que ninguém gostaria de ultrapassar e, com isso, me protegeram e me deixaram tranquila. Eu sabia que

ainda ia me deparar com julgamentos e desafios em relação a isso na vida, mas pretendia me tornar cada dia mais forte.

Sempre fui boa no que fazia, sempre fui determinada, não iria deixar isso me abalar.

Então, apesar de não ver a minha vó e meu irmão esse Natal, de novo, eu estava feliz.

Muito feliz.

Estava na carreira dos sonhos, num jornal incrível em Manhattan, onde eu morava com meus dois namorados que também estavam seguindo seus sonhos, mesmo em times com uma rivalidade histórica.

Namorados esses que estavam abraçados em mim, dormindo tranquilamente neste dia 24.

Infelizmente, meu trabalho novo não permitiu que fossemos para Boston visitar os pais de Nathan. Quer dizer, os dois estavam de folga da NHL, já que não existiam jogos no Natal para eles, mas se recusaram a passar o Natal longe de mim.

E eu secretamente fiquei feliz com isso, porque não queria ficar abandonada aqui.

Mas também não queria impedi-los de terem um Natal feliz.

Suspirei, tentando me esticar, mesmo esmagada entre dois corpos enormes e musculosos.

— Bom dia, coração — Dylan murmurou no meu ouvido, a voz toda relaxada e lenta.

Seu nariz correu pela lateral do meu pescoço e me arrepiei, sorrindo quando ele passou o braço por cima de mim e agarrou Nathan, que respondeu fazendo o mesmo, me espremendo entre eles no melhor sanduíche do mundo.

Meu outro namorado beijou o meu ombro coberto pelo pijama de Natal que sua mãe nos enviou e depois deixou um beijo no topo da minha cabeça, suspirando levemente, ainda dormindo.

Não consegui evitar o sorriso de orelha a orelha que se estendia pelo meu rosto, porque era aqui que eu estava feliz.

— Feliz véspera de Natal — murmurei, baixinho, e Nathan soltou um resmungo que fez Dylan rir na minha orelha.

— Nosso pequeno Grinch — brincou, o que era mentira.

Nathan amava Natal, assim como todos os Davis. Já Dylan...

Ele aprendeu a gostar ao longo dos anos, principalmente com a mãe de Nathan nos mimando e incluindo em todas as tradições, mas ainda assim, não era o feriado favorito dele.

Eu ficava no meio-termo. Amava as tradições dos Davis, amava como eles me incluíam e até usaram algumas tradições da minha família, mas ficava triste, por exemplo, com a distância com a minha vó.

Era caro, era difícil, era complicado. E também tinha meu irmão e meu sobrinho, que agora estava ficando maior, mas há dois anos ganhei uma sobrinha e era difícil viajar com ela tão pequena. Duas crianças de colo num avião em época de Natal era um caos. Eu não queria perturbá-los.

— O que está pensando, paixão? — Nathan murmurou, correndo os dedos pelo meu rosto e percebi que ele já tinha até se levantado melhor, o sono indo embora.

— Em como temos opiniões diferentes sobre o Natal...

— Ah... Mas Dylan aprendeu a amar.

— Aprendi a amar por causa dos boquetes que vocês me dão. Boquetes natalinos são os melhores.

Dei risada, enquanto Nathan esticava a mão por cima de mim e empurrava nosso namorado pelo peito.

Dylan dramaticamente caiu no colchão, a cabeça batendo no travesseiro. Me desvencilhei de Nathan e me virei, subindo em cima de Dylan, me sentando no seu colo.

Automaticamente, suas mãos foram para a minha cintura, me mantendo no lugar.

— Alguém acordou animado.

— Com vocês dois nos meus braços, é impossível não acordar assim.

— Você está muito galanteador hoje, amor — Nathan brincou, se aproximando de nós e fazendo um carinho nos cabelos loiros de Dylan, que praticamente derreteu com o toque.

— É um dia especial.

— O Natal é amanhã.

— Eu sei, mas acho que merecemos ir dormir hoje diferentes.

Franzi a testa e lancei um olhar para Nathan, confusa.

Ele deu de ombros, sem entender também, e se sentou ao lado do corpo enorme de Dylan.

Nosso namorado me segurou para erguer melhor o tronco e eu dei uma risadinha.

Quase me esqueci de como eles eram fortes. Quase, porque eram constantes as vezes que eles me erguiam para me foder, me apertar entre eles, me jogar na cama de brincadeira...

Encostado na cabeceira da nossa cama enorme, que custou uma bela fortuna, mas nem consegui reclamar quando eles compraram, Dylan deu um sorriso tímido.

Ele ergueu as mãos, fazendo um carinho no meu rosto e no rosto de Nathan.

— Eu amo o Natal com a nossa família.

Nossa família.

Dylan foi tão aceito pelos pais de Nathan, quanto pela minha avó.

Ele foi convidado a chamar Kevin e Lucille, assim como eu, de pai e mãe. Demorou um tempo para ele conseguir, mas depois que fez isso pela primeira vez, foi como se um pedacinho dele se curasse.

Eu via toda vez que ela fazia algo de que ele gostava, que ele ligava para saber de todos os jogos de Dylan, depois de cada um deles.

Verdadeiros pais, como se fossemos seus filhos também.

Eu os chamava de pai e mãe, com o coração cheio de amor.

E minha vó fazia o mesmo com meus namorados, depois de um pequeno período tentando entender exatamente como funcionava a nossa dinâmica.

Foi só ela conhecer os dois nas férias de verão do nosso segundo ano, vendo como eu estava feliz, que se derreteu de amores por eles.

— Então preparei uma surpresa.

— Surpresa? — perguntei, animada.

Ele abriu um sorriso maior, quase ansioso, olhando para mim e Nathan, ao segurar nossas mãos.

— Sim, eu paguei as passagens de todo mundo. Consegui alugar um apartamento aqui no prédio que está como Airbnb lá no terceiro andar para eles se acomodarem. Talvez Ethan tenha que dormir aqui, porque duvido que vá querer dividir a casa com duas crianças e...

Nathan o interrompeu com um beijo apaixonado, enquanto eu estava chocada, ainda tentando entender o que ele estava falando.

— Todo mundo? — sussurrei, a voz apertada de emoção.

— Todo mundo. A mãe, o pai, Ethan... seu irmão e nossos sobrinhos, sua cunhada... A vó. Todo mundo da nossa família.

Ele não citou os pais dele, mas as coisas pelo menos estavam melhores do que antes. Ainda viviam a vida longe de Dylan, mas mandavam mais mensagens. Ligavam de vez em quando. Apareciam para jantar ou assistir a um jogo dele, quando estava passando por Nova York.

Ele também ainda mantinha contato com o tio, mas sabia se impor agora, colocava limites. Apesar de ainda se sentir responsável e culpado por muita coisa.

— Amor, não precisava — Nathan falou, mesmo a felicidade sendo visível em seu rosto.

— Precisava, porque o Natal não é completo sem eles. E Becky não poderia se ausentar e eu sei que ela se sentia um pouco culpada pelas coisas serem diferentes esse ano.

Dei de ombros, abaixando a cabeça, porque sim.

Dylan ergueu o meu rosto, passando um dedo embaixo do meu queixo.

— Quero nossa família aqui porque é o certo. Amo gastar dinheiro para deixar vocês felizes, mesmo sabendo que vocês preferem a minha companhia.

— Sim, preferimos. Mas obrigada, amor, eu... Estou muito feliz — confessei, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas.

Inclinei o corpo para frente e o enchi de beijos, recebendo sua risada ao ter Nathan se juntando a mim.

Eu os amava tanto.

— Espere, esse é da minha norinha! — Lucille sorriu, me entregando um pacote pesado, todo embalado.

Desde que chegaram ontem, meus sogros transformaram nossa casa no paraíso de Natal dos Davis, trazendo decorações para a nossa casa, como uma forma de presente.

Como sempre passávamos o Natal com eles, nunca compramos muitas decorações. Minha sogra se indignou com isso e aparentemente queria começar uma coleção de objetos natalinos aqui também.

— Mais presente, mãe? — suspirei, abrindo um sorriso e deixando um beijo na sua bochecha.

— Sim, você merece, filha.

Eu amava como eles tinham um coração grande, como nos amavam sem medidas, só porque amávamos o seu filho assim.

Abri o presente curiosa e quase desmaiei com um notebook novo ali.

— Lucille! — falei, surpresa e indignada.

— Nem pensar, você falou que o seu estava velho.

— Foi um comentário! Não uma dica!

Balancei a cabeça, chocada.

— Por que não me disse? — Dylan pareceu chateado e revirei os olhos.

— Porque você passaria em uma loja e compraria um como se fosse uma compra de mercado.

— Assim como a minha mãe — apontou Nathan, brincando e dei uma risadinha, com os outros convidados. — Por isso eles se dão tão bem.

— Sua mãe só queria agradar.

— Eu amei... Mas não precisa gastar tanto dinheiro comigo...

— Eu amo mimar meus filhos, Becky, cinco anos depois você já deveria ter aprendido — falou, resoluta, voltando a sentar ao lado da minha avó no sofá de casa.

Ethan e Nathan estavam no chão com nossos sobrinhos, montando com o meu irmão o brinquedo exagerado que Dylan deu para nosso sobrinho, uma pista completa de carrinhos de corrida.

Nossa princesinha ganhou um carinho elétrico que fez minha cunhada quase infartar, mas ela amou tanto que seus gritinhos animados a amoleceram rapidinho.

— Próximo? — Kevin falou, olhando para os presentes embaixo da árvore.

Muitos presentes.

Muitos mesmo.

Os Davis e Dylan eram muito exagerados, uma média de quatro presentes por pessoas, se não mais.

— Esse não tem nome...

— Ah, é meu — Dylan falou casualmente, se levantando do meu lado e andando até a árvore.

Ele estava adorável em seu pijama de Natal.

Todo ano tinha um tema, e minha sogra comprava pijamas personalizados para todos da família, com os nomes bordados e tudo...

Era uma das inúmeras tradições da família, como rabanada de café da manhã e assistir “O Grinch” antes do almoço de Natal. E fazer uma roda dizendo o que desejamos de bom para o próximo na noite da véspera.

Ou fazer biscoitos no fim da tarde, para comermos enquanto jogávamos um dos jogos de tabuleiro deles... Que inclusive ela trouxe vários.

Ele pegou a caixa da mão do nosso sogro e voltou para o meu lado, mas não se sentou no sofá.

Puxou Nathan pelo ombro, obrigando nosso namorado a sentar no lugar que antes ele ocupava ao meu lado e fez sinal para mim. Nathan entendeu mais rápido do que eu, e me abraçou pela cintura, me colocando em seu colo com um movimento rápido e preciso.

Dylan parou de pé na nossa frente e olhou para a nossa família, quase nos virando as costas.

— Quando digo que sonhava com coisas assim, com uma família deste jeito, eu não estou brincando. Poderia não saber que teria duas famílias me aceitando, que teria dois namorados me amando muito e completando o meu mundo, mas a ideia, no fundo da minha mente, estava lá.

Ele suspirou, enquanto rasgava o papel branco que cobria a caixa em sua mão.

— Tive que embalar porque Becky é curiosa demais — brincou, me arrancando uma risada.

— Não sou curiosa, sou uma jornalista.

— Bisbilhoteira demais — Nathan provocou e eu dei um tapa em seu braço, revirando os olhos.

— Você ama quando descubro todas as fofocas, vou bem me lembrar disso depois.

— Posso continuar? — Dylan perguntou e eu apertei os lábios, escutando a risada suave de Nathan ressoar em meu ouvido.

— Sim, senhor — falou, piscando para nosso namorado, que abriu um sorriso.

Suas mãos grandes cobriam o presente agora, e eu fiquei ainda mais curiosa.

— Como eu estava dizendo, eu pensava nisso, desejava isso. Queria isso. E agora que tenho, não posso deixar escapar. Não a família... Vocês.

— Ah, bom, achei que estava com a gente só para ser um Hart-Davis.

— Sim, quase isso — brincou, mas então se ajoelhou na nossa frente, arrancando de mim um arquejo tão alto, que ecoou pelo apartamento.

— Ai, meu Deus, eu vou chorar! — Lucille murmurou, a voz já embargada.

— Dylan... — Nathan tentou falar, seus braços me apertando por causa do choque.

Coloquei a mão na boca, enquanto a outra segurava um braço de Nathan, tentando entender se isso estava mesmo acontecendo.

— Nunca pensei que teria isso, mas sempre desejei. Posso ter tentando me convencer de que não queria, de que não merecia, mas quis. Quis vocês, e não qualquer sonho ou idealização. Era exatamente isso que eu queria, sem nem ao menos saber o que era. Não pensava em vocês, mas já desejava vocês. Não os conhecia, mas já sentia sua falta. Vocês. A família é um bônus, mas o que eu sempre pedi, em noites escondidas e solitárias, era uma vida completa. Plena. Cheia. Cheia de amor, cheia de toques, cheia de realizações. Cheia de vocês dois. Sem vocês, não dá pra ser. Sem vocês, não quero. Sem vocês, não seria perfeito. Precisei de dois, dois corações para somar o meu, que era tão vazio que precisava de duas metades para se tornar inteiro. Obrigado por dividir seu amor comigo.

Ele abriu a caixinha azul-clara na sua mão e eu comecei a chorar. Um solitário com um diamante enorme em forma de lágrima, todo cravejado com brilhantes ao seu redor, estava ao lado de três alianças douradas, lindas e grossas. A minha, presumi, tinha um lado cravejado de diamantes e o outro duas linhas que pareciam duas cordas em ouro branco. As deles, iguais, eram feitas com diamantes negros, bem masculinas e lindas, mas as duas cordas em ouro branco seguiam ali.

— Achei apropriado a Becky ter duas alianças, para representar os dois corações que ela capturou e moldou. Sem ela, não seríamos completos. Sem ela, não resolveríamos nossas dificuldades. Só ela para dar um jeito na minha teimosia e no seu rancor — brincou, arrancando uma risada sufocada de Nathan, que olhava tão maravilhado como eu. — Casem comigo. Do nosso jeito, com nossa verdade e nossa forma de amar. Casem comigo e sejam meus para sempre. Casem comigo e me deem uma chance de formar a família que eu sempre desejei, mas tive muito medo de pedir porque não me achava merecedor. Agora eu acho. Eu sei que mereço vocês, porque vocês dois são as pessoas mais maravilhosas do mundo. Casem comigo.

Eu estava chorando copiosamente, quase nem enxergava mais ele ajoelhado na nossa frente, com a caixinha estendida em nossa direção.

— Sim — murmurei, ao mesmo tempo que Nathan e, antes que pudéssemos reagir, Dylan abriu um sorriso maravilhoso, se jogando em cima de nós.

Nos beijamos, do nosso jeito, com três bocas sempre se encaixando de alguma maneira, enquanto nossa família comemorava, gritava e batia palmas.

E era perfeito.

Aqui, na sala da casa que dividimos, na cidade que tornamos o nosso lar, com nossas famílias de pijama de Natal, no feriado que aprendemos a amar muito e ansiar. O começo do para sempre não poderia ser mais perfeito.

Fim.